

VIDA E CIDADANIA

Quarta-feira, 04/06/2008

“A escola quer tomar o papel da família, mas não faz a sua parte”

Entrevista com Geraldo Peçanha de Almeida, pedagogo e escritor.

A formação de valores passou a ser vista como uma das funções prioritárias da escola, nos últimos anos. Mas para o pedagogo e escritor Geraldo Peçanha de Almeida, consultor na área da educação de vários municípios brasileiros, esse enfoque está totalmente equivocado. Geraldo, que acaba de lançar o livro *E quando os filhos não podem ser aquilo que os pais sonharam?*, defende que a formação de valores é papel da família.

Para o especialista, ao se ocupar de uma função que não é a sua, a escola falha naquele que deveria o seu papel, ou seja, a formação e a qualificação do estudante para o mundo do trabalho ou para o universo da cidadania. Veja os principais trechos da entrevista concedida pelo escritor à Gazeta do Povo.

PERFIL:

O pedagogo paranaense Geraldo Peçanha de Almeida foi professor-regente por 19 anos, período em que passou por todos os ciclos de ensino (da pré-escola até a pós-graduação). A partir de 2005, passou a se dedicar mais à redação de seus livros, embora continue atuando como professor em cursos de pós-graduação.

Geraldo também atua como consultor de vários municípios, para os quais elabora projetos pedagógicos. Todos os anos, roda o Brasil fazendo palestras para pais, professores e estudantes. E quando os filhos não podem ser aquilo que os pais sonharam? é o primeiro livro de Peçanha destinado aos pais. Ele é autor de outros 22 livros: 12 destinados a professores e 10 para crianças e adolescentes.

Você considera que a escola está avançando em áreas de responsabilidade da família. Que campos são esses e qual a explicação para essa confusão de papéis?

Talvez essa seja a colocação mais polêmica do meu livro. O discurso comum diz que a escola tem de formar valores e trabalhar com limites, porque as famílias estão desestruturadas. Por esse discurso politicamente correto, a escola tem que suprir essa carência. Mas na hora em que eu vou avaliar efetivamente que força é essa que a escola tem para formar valores e, principalmente, para modificar a realidade do aluno, eu percebo que o discurso do professor é quase inócuo. O pai pode dizer ao filho com que roupa ele vai sair, proibi-lo de sair com um grupo de amigos e de frequentar determinada igreja. Já se a escola acenar com a possibilidade de dizer a mesma coisa, ela, no mínimo, será taxada de antidemocrática. Isso me faz concluir que a escola está entrando num campo de atuação em que não há como ter resultados positivos, porque ela não tem o poder necessário para essa tarefa.

E qual a consequência disso?

Desloca-se o papel da escola, que é formar o indivíduo para uma sociedade altamente competitiva, em que o conhecimento se transforma a cada dia. A escola está entrando num campo que é da família, mas não consegue formar valores e, ao mesmo tempo, não informa o indivíduo competentemente para atuar. Você pode me perguntar: “Mas a escola também não tem esse papel?” Sim, mas como coadjuvante. Hoje o que está acontecendo é que a escola está querendo tomar o papel da família, que, por sua vez, acha isso bom, porque fica livre da responsabilidade.



Geraldo Peçanha: “Para ajudar os alunos, a escola precisa se aproximar dos pais”

Então a escola deve ficar limitada à qualificação?

Não limitada, porque daí fica muito estanque. Ela precisa se ater mais a isso. Eu cito também o exemplo dos alunos portadores de deficiência. O Paraná tem meio milhão de pessoas com alguma necessidade educativa especial e a quantidade de alunos atendidos é muito pequena. E se somos negligentes ao deixar o deficiente fora da escola, porque é um direito que ele tem, também é perverso da nossa parte dizer para o pai que o filho consegue ter um curso superior ou a formação desejada. Esse é um outro discurso em que a escola erra. Para mim, a escola deveria voltar a ter conteúdo, conteúdo, conteúdo. Pensar o contrário é o mesmo que defender que a Medicina só tem um papel educativo. Ela também tem papéis curativo, hospitalar, clínico, laboratorial, que se completam com o educativo. Em educação é a mesma coisa. Há o papel educativo – no sentido de valores – e a formação para a competência. E isto está cada vez mais claro. No Pisa, que é o programa internacional de avaliação comparada para a educação, o Brasil se reveza sempre em penúltimo e último lugares. No Saeb, sistema que avalia a educação básica, a nota dos alunos fica entre três e quatro. Então falta ao nosso aluno a competência técnica. E esse é o papel primordial da escola, que, apesar disso, está desfocando para áreas que são de responsabilidade da família..

Nesse processo de formação de valores, pais também esbarram em limitações?

Existe um capítulo no meu livro que se chama “Somos dolorosamente incompletos”. Nele eu trato especificamente dessa situação. Eu, enquanto pai, tenho a idéia de que preciso acertar em todas as situações e ter respostas imediatas. Mas os pais também erram. Para evitar isso, eu posso pedir ajuda para o meu pai, para o meu sogro, minha sogra, meu orientador religioso, um conselho tutelar, um psicólogo, para um filósofo. Enfim, eu posso contar com uma multiplicidade de ajuda. Mas muitos pais querem ter a verdade única, ser auto-suficientes em tudo. E aí eles erram. E muitas vezes o erro na família é encoberto, quando deveria ser trabalhado, para se aprender com ele. Com o seu filho o pai deveria planejar uma caminhada de vida pessoal e profissional. Mas isso não significa que ele não tenha barreiras para vencer ao longo da vida. E é isso que o pai não deixa claro, quando impõe, por exemplo, a escolha das profissões.

Por que muitos pais tendem a cobrar demais de seus filhos?

O Brasil tem as 43 profissões regulamentadas de ensino superior e o MEC tem mais 14 pedidos de novas profissões, de novas regulamentações. Há, portanto, quase 60 profissões para a escolha. E, embora os filhos possam ter dúvidas sobre a escolha, os pais geralmente não passam por isso: eles vão querer que seus filhos sejam médicos, ou engenheiros ou advogados. Esses pais ainda estão com a idéia de 30, 40 anos atrás, quando essas eram as profissões consideradas boas. Hoje no Brasil faltam um milhão e meio de professores. Mas um pai não diz para o filho para ele ser professor, porque ele nunca vai estar desempregado e é uma profissão extremamente próspera. E porque que o pai não diz isso? Porque ele é extremamente conservador.

Essa influência dos pais se estende para outras áreas?

Sim. Eles querem que os filhos tenham uma família padrão, tudo padrão, embora, às vezes, os pais não sigam esse padrão. E o círculo do desajuste tende a ser reproduzido cada vez mais, com mais severidade. É como o ciclo da miséria: uma adolescente que engravida aos 13 anos, muito provavelmente, terá filhos que vão reproduzir isso.

O que não significa que alguém que viva numa família hipoteticamente perfeita torne-se perfeito ou vice-versa.

Exatamente. As exceções acontecem. Eu tenho alunos que vêm de um ambiente completamente diferente, completamente desajustado e podem se sair bem. Mas quando eu pego as teorias e as pesquisas, elas provam que a trama social dá origem ao indivíduo que está inserido nela. A maior parte das crianças que está nas periferias, nas favelas e nos ambientes que têm alto índice de violência terá dificuldades para conseguir se tornar próspera. Ou seja, a tendência da maior parte delas é acabar tragada por aquele meio. Então, se eu melhora o meio, eu também dou uma possibilidade maior para ela emergir. A célula da família funciona da mesma maneira.